



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Área temática: Identidades, Valores e Modos de Vida

Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*

BATISTA, Alexandra. Universidade de Évora, alexandra.mbb@gmail.com

Resumo

Este texto visa apresentar os principais resultados de uma tese de mestrado que procurou estudar a influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* no comportamento dos adolescentes *offline*. As tecnologias têm vindo a desafiar as sociedades atuais: entre outras, pela forma como nos relacionamos, como comunicamos, aquilo que fazemos e o que experienciamos. As mnemotecnologias são tecnologias onde exteriorizamos a memória, tal como simples números de telemóveis gravados num *smartphone*. Vive-se na época do «imediato», onde tudo acontece «rapidamente». Através de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido com adolescentes, debateram-se premissas como: o excesso de presença *online* incapacita a presença cara a cara; a presença *online* potencia a presença cara a cara e o excesso de presença *online* desenvolve FOMO e APAC. Os jovens permitiram perceber as dinâmicas associadas aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, e como estes atravessam o seu quotidiano, as suas práticas e os significados atribuídos a elas.

Palavras-chave: Adolescentes; Novos dispositivos tecnológicos; comportamentos *offline*; vida quotidiana

XPAPS-44811

Introdução

Este texto sintetiza os resultados obtidos de uma tese de mestrado que pretende refletir, discutir, desmistificar e questionar a influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* no comportamento dos adolescentes *offline*¹. Este questionamento assenta em três pressupostos: em primeiro lugar o excesso de presença *online* incapacita a presença cara a cara; em segundo lugar a presença *online* potencia a presença cara a cara e em terceiro lugar o excesso de presença *online* desenvolve FOMO (*fear of missing out*) e APAC (medo de perder algo que esteja a acontecer) (Esperança, 2017). Sociologicamente ancorada pretendeu-se analisar e compreender significados, representações, percepções e avaliações dos jovens acerca da influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* no seu comportamento.

Numa época e num mundo globalizado, em que as formas de comunicação se modificaram, questiona-se se ocorreram transformações nas formas como as pessoas se relacionam. Hoje cria-se a «necessidade» a favor da economia das indústrias, onde os objetos são criados, transformados e utilizados como próteses do corpo humano. Chega-se ao momento em que a ligação da tecnologia com as pessoas não é apenas técnica, revela-se também como afetiva (Foer, 2016). Vive-se na época do «imediato», onde tudo acontece «rapidamente», dando aso a novas formas de relações sociais. *Media* sociais como o *Facebook* ou *Instagram* vieram possibilitar novas formas de comunicação, como a partilha de conteúdos *online* (fotografias, vídeos, notícias).

Com o desenvolvimento e a grande afluência aos novos dispositivos tecnológicos e de *software* surgem novos fenómenos como o FOMO (*fear of missing out*) medo de estar por fora; APAC, medo de perder algo que esteja a acontecer no momento; ou FOBO (*fear of being offline*), medo de estar *offline* (Barker, 2016, Esperança, 2017). Estes fenómenos impulsionam os jovens adolescentes a visualizar constantemente os *media* sociais para verem o que os amigos estão a fazer e conseqüentemente cria uma dependência de modo-de-estar que condiciona a sua identidade.

Temos como ponto de partida quatro dimensões principais: as práticas, as representações, os significados e o “imaginário” sobre os novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Metodologicamente privilegamos uma abordagem qualitativa. Procuramos compreender e explicar, através das práticas, as transformações sociais e ainda captar significados a partir das perspectivas dos entrevistados. Efectuou-se uma pesquisa de carácter exploratório, por contraste saturação (Guerra, 2006), através da realização de entrevistas semiestruturadas, onde existiam questões

diversificadas, com o objetivo de obter visões individuais dos jovens entrevistados sobre o tema aqui abordado, de forma livre e extensiva (Guerra, 2006; Flick, 2013). Através do recrutamento em bola de neve (Neuman, 2011, Flick, 2013) foram selecionados 30 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade, em duas escolas [A] e [B], em Portalegre, que possuíam ou tinham acesso a qualquer um dos dispositivos tecnológicos e de *software*. Aplicou-se o guião de entrevistas e as respostas foram registadas via áudio pela investigadora. Posteriormente foram ouvidas e transcritas, de forma a facilitar a análise e interpretação. Ao longo da realização das entrevistas era desejável que os entrevistados tivessem aprofundado mais as suas respostas, dado que se aborreciam e “desligavam” rapidamente das perguntas. No entanto a clareza, a fluidez e a síntese dos jovens nas respostas permitiu uma visão mais nítida e fiel às suas opiniões sobre o tema. Depois da recolha, iniciou-se a análise com base em categorias, que permitiram revelar classificações e significados das mensagens (Guerra, 2006; Bardin, 1977; Costa, 2011).

Tendo em conta o número elevado de crianças e jovens utilizadores dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* (Ponte, 2012) a questão que se impõe é: o que fazem estes jovens adolescentes quando estão *offline*? Os jovens adolescentes são elementos chave na discussão deste texto e com o intuito de desconstruir ideias pré-concebidas dando aso à pesquisa e conhecimento, pretendeu-se verificar como os jovens adolescentes se encontram, o que conversam, o que fazem e as suas representações quando não estão em interacção com os novos dispositivos tecnológicos e de *software*.

1. Da técnica à tecnologia – transformações, implicações e desafios

Partindo da desconstrução das ideias de autores como Heidegger e Habermas, Feenberg (2013) revela que o determinismo tecnológico tem sido um ponto de partida para a obtenção de novos conhecimentos através do seu questionamento, dado que a sua adopção como abordagem teórica tem vindo a limitar a análise da realidade social.

Na perspectiva de Heidegger a tecnologia não pode ser vista e analisada, apenas, como um meio para atingir um determinado fim, mas sim pela maneira como se revela no mundo (Feenberg, 2013). Ou seja, os objectos tecnológicos têm o seu próprio tipo de presença, resistência, conexão e novidade no mundo (Blitz, 2014). O que se tem vindo a verificar é o aparecimento de elementos que eram considerados da esfera privada na esfera pública tais como confissões de segredos e intimidade privada

(Bauman, 2001). Já na óptica de Habermas as tecnologias estão a alterar a forma como as pessoas comunicam. Estas novas formas de comunicar acabam por influenciar e moldar as opiniões da esfera pública no espaço interconectado. As pessoas tornaram-se espectadores dos discursos dos *media*, para promover os seus interesses (Feenberg, 2013; Moreno, 2013; Kellner, 2000). Todas estas perspectivas contribuiram para a reflexão e discussão da presença dos dispositivos tecnológicos e de *software* na sociedade, e resultam na compreensão de como estes interferem, hoje em dia, na maneira como as pessoas se relacionam e comunicam.

Antes de mais, importa perceber o que é a técnica. A técnica corresponde ao «saber fazer manualmente», enquanto que, a tecnologia é a aplicação da ciência à técnica. A técnica não é apenas a tecnologia moderna, engloba tudo, desde as ferramentas primitivas como a escrita. A técnica é mais do que a aplicação da ciência à técnica, para além de um *smartphone*, pode ser um livro, uma fotografia, qualquer forma de exteriorização da memória através dos objectos (Robert, 2012). Quando falamos em *smartphones* ou computadores estamos a falar de dispositivos. Um dispositivo (*Dispositio latim*) pode ser considerado qualquer objecto que possa capturar, orientar, interceptar, moldar, controlar ou até mesmo assegurar gestos, condutas, opiniões e discursos de pessoas. Os dispositivos dispõem no seu espaço e sintagma, são dinâmicos e mutáveis. Actualmente pode-se falar em dispositivos móveis, através dos quais qualquer pessoa pode comunicar enquanto se desloca (Agamben, 2005; Silva, 2014, Nascimento, 2014). Portanto, os dispositivos, hoje, permitem comunicar em qualquer lugar e qualquer hora.

Estando a sociedade cada vez mais dominada pelos objectos técnicos, importa questionar se estes nos estão a controlar e a destruir o «saber fazer» que possuímos, sendo que podemos tornar-nos seres alienados onde o saber desocupa lugar. Quando colocamos simples números de contacto nos *smartphones*, eles deixam de estar na nossa memória e conseqüentemente há uma perda do «saber fazer» (Stiegler, 2007). A memória humana é exteriorizada desde a invenção da escrita e por isso ela é técnica. A memória tem vindo a tornar-se um elemento do desenvolvimento industrial e tecnológico, tornando os objectos do quotidiano suporte de memória objectiva.

Em consequência de colocarmos a memória nos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, dá-se o processo de gramatização, que após ultrapassar a esfera da linguagem começou a investir na esfera dos corpos (Stiegler, 2012), passando a existir uma articulação ente corpo, tecnologia e o social. Como resultado, muitas vezes as

normas dos dispositivos tecnológicos e de *software* são incorporadas pelos indivíduos na sua vida social. Como por exemplo a amiga que se zanga com outra amiga, e em vez de lhe dizer cara-a-cara, que não fala mais com ela, apenas “apaga/delete” do seu grupo de amigos do *Facebook* e nunca mais lhe fala (Batista, 2017). A utilização das tecnologias pelas pessoas, permitiu novas formas de comunicação e relacionamento entre elas e, como tal, estas vieram interferir no processo de individuação², originando o «indivíduo desafectado» - aquele que não é capaz de sentir afectos, é indiferente, perde o sentido de pertença e deixa de saber relacionar-se (Caselas, 2012). Portanto Stiegler intitula a tecnologia de «*Pharmakon*» isto é, considera a tecnologia como um fármaco, que tanto cria como destrói a sociedade (Featherstone, 2014).

As tecnologias estão, de facto, presentes no quotidiano das pessoas, atravessando-as a nível: económico, social, político a até mesmo ambiental. O aparecimento e desenvolvimento dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* deixaram de interferir apenas na maneira como as pessoas comunicam e se relacionam, passaram a investir também na esfera dos corpos e na sua afectividade. As tecnologias hoje são criadas de forma universal e rápida, de modo a satisfazer as necessidades dos consumidores.

2. Interações mediadas: distâncias e proximidades

A forma como as pessoas se relacionam e comunicam têm, claramente, vindo a alterar-se devido ao desenvolvimento das tecnologias. Os *media* sociais são sites e serviços que surgiram na década de 2000 (e.g. qualquer sítio onde possam partilhar conteúdos como fotografias, vídeos, notícias e comunicar) e ganharam força entre os jovens adolescentes (Boyd, 2015). No entanto, estes *media* sociais não servem apenas para partilhar as fotografias da última festa em que estivemos presentes. Exemplo disso é o caso evidenciado por António Colaço, no Jornal Expresso, que num fogo em Mação, quis mostrar o que estava a acontecer através do *Facebook*, para que outras pessoas se pudessem precaver, mostrando que o *Facebook* não serve apenas para colocar a fotografia da namorada ou do animal de estimação (Colaço, 2017).

Dispositivos como os *smartphones* permitiram que as pessoas pudessem comunicar, partilhar e aceder aos conteúdos dos seus interesses, em qualquer lugar. E por isso as tecnologias móveis como um *smartphone* permitem a idealização de um espaço de conforto e protecção - qualquer momento de desconforto ou constrangimento têm um escape com um mundo à sua mão, através de um ambiente controlável (Silva, 2014;

Lopes, 2011). O que muitas vezes faz com que as pessoas percam a capacidade de se relacionarem com pessoas que tenham opiniões diferentes das suas.

Chama-se a atenção para o facto de estarmos a criar robôs sociais que substituem os relacionamentos entre as pessoas (Lehrer, 2011). Exemplo disso é a criação do *Dadbot* de James Vlahos, que quando soube que o seu pai estava com uma doença terminal, começou a gravar todas as conversas que tinha com ele, posteriormente transformou-as em código, podendo falar com ele “para além da morte”, através de um aparelho tecnológico (Nunes, 2017). Este tipo de tecnologia vem permitir que as pessoas passem a comunicar com máquinas que sabem falar e responder às suas questões, embora estes tipos de aparelhos ainda apresentem algumas falhas.

A relação das pessoas com aparelhos tecnológicos torna-se mais profunda, isto é, a tecnologia não é só técnica, é também afectiva. Actualmente criam-se *smartphones* a pensar nas necessidades e gostos das pessoas tendo em conta textura, brilho, cor ou tamanho- factores ergonómicos (Foer, 2016). O problema que se encontra aqui é o facto de estes aparelhos fazerem sentir aquilo para os quais foram realmente concebidos, tornando o tempo «menos presente», «menos íntimo» e «menos rico». Tal como Stiegler (2010) evidencia, que as pessoas estão a seguir o serviço de um dispositivo que substitui o saber profissional e a tomada de iniciativas. Existe um ambiente de “disponibilidade absoluta” no que se pode chamar a “economia da atenção”, que não reverte em nada de concreto e prende pela atenção ao mais diverso tipo de conteúdos controlando o tempo individual massificado, existindo assim uma “servidão voluntária”. Esta situação foi produto de indústrias culturais que através do mais diverso tipo de programas e modelos de acesso à informação, deram forma à “sociedade de controlo”. Fruto de uma produção em massa, as pessoas começaram a ter disponível o que queriam e quando queriam. Isto permitiu que a produção fosse feita de modo a controlar aquilo que as pessoas compram e o tempo que disponibilizam com o produto que compram, possibilitando às indústrias, pelo marketing e publicidade embutidos (*embedded*) a manipulação do desejo das pessoas para a aquisição de produtos.

Como consequência do uso das tecnologias temos a solidão e isolamento social, que em certos casos dão origem aos “*hikikomori*”, que são pessoas isoladas por mais de seis meses em suas casas, que quando voltam a sair deixam de saber relacionar-se. Muitas vezes este é um processo cíclico, pois para combater a solidão e isolamento social as pessoas acedem aos *media* sociais, que por sua vez acaba por aumentá-la (Suwa & Suzuki, 2013; Seepersad, 2004).

3. Entre *clicks*: visualizar, gostar e partilhar

Ao estarmos disponíveis para partilhar conteúdos *online*, revelamos a nossa identidade e muitas vezes exibimos elementos da nossa privacidade. A identidade pode ser influenciada pela frequente utilização das tecnologias, na medida em que esta pode ser mantida ou alterada de acordo com as relações sociais que são mantidas. Ao estarmos a partilhar conteúdos *online*, estamos também a mostrar a nossa identidade, ou a identidade que queiramos mostrar. A identidade está associada a gostos, desejos e inclinações culturais e ao partilharmos conteúdos, mostra-se à comunidade aquilo pelo qual se detém mais interesse (Berguer & Luckmann, 2010, Rocca, 2011; Costa, 2011). Quando as informações das nossas partilhas e pesquisas (as nossas “pegadas”) são filtradas, são dadas sugestões de produtos e serviços relacionados com essas mesmas informações (Costa, 2011; Thayne, 2012). Estas podem ser do interesse do utilizador, desmascarando a sua identidade e pondo em causa a sua privacidade. Para além disto, bloqueiam outras informações, que o utilizador poderia ter interesse, e fruto dos filtros torna-se impossível. A discussão acerca da privacidade nos *media* sociais não é nova. Hoje em dia fala-se da privacidade dos jovens, dado o número de conteúdos, nomeadamente fotografias, que colocam nesses locais. No entanto, o que acontece é que estes têm dinâmicas próprias de comunicação através de códigos – Esteganografia (Boyd, 2015; Mozorov, 2011). Portanto os jovens não deixaram de ter noção daquilo que é a privacidade, mas a forma de a verem é que se alterou.

Além disto surgem os valores sociais como reveladores dos comportamentos das pessoas. Os valores sociais seleccionam, orientam e avaliam comportamentos, ou seja, um conjunto de pessoas reconhece-os e age em função deles. Aquilo que se escolhe como valor é resultado da vontade de aprovação e integração na sociedade (Fleury, 2008; Boodin, 1915). Exemplo contrário é o *cyberbullying*, dado que ocorre fora de um quadro axiológico normal. Muitas das vezes estes comportamentos ocorrem *offline* e reflectem-se *online*, como tal importa discutir, sensibilizar e prevenir.

Na prossecução do primeiro objetivo específico a que nos propusemos, o de descrever o perfil socioeconómico dos adolescentes verificamos que dos 30 adolescentes entrevistados, 22 jovens são do sexo feminino e 8 do sexo masculino. As suas idades são compreendidas entre 14 e os 19 anos de idade. Há um adolescente com 14 anos, quatro adolescentes com 15 anos, seis adolescentes com 16 anos, onze

adolescentes com 17 anos, cinco adolescentes com 18 anos e três adolescentes com 19 anos. São todos de nacionalidade Portuguesa. Desses 30 adolescentes, cinco frequentam o 9º ano de escolaridade, três o 10º ano e doze o 12ºano de escolaridade, 18 pertencem à escola [A] e 12 à escola [B].

4. Adolescentes, Dispositivos tecnológicos e (des) conexões

O mundo tecnológico testemunha as diversas (des) conexões que existem nas formas de relacionamento entre os adolescentes. Afiguram-se, assim, quatro dimensões de análise particularmente importantes: as práticas, as representações sociais, os significados e o “imaginário” associado aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Tendo como base estas quatro dimensões, o comportamento dos adolescentes *online* permitiu identificar os dispositivos tecnológicos e de *software* mais utilizados pelos jovens, as actividades predilectas, a razão que os leva a aceder aos dispositivos e o tempo que disponibilizam neles. No comportamento dos jovens *offline* foi possível aferir que actividades realizavam *offline*, o que conversavam com os amigos quando estavam *offline*, se utilizavam algum dispositivo quando estavam *offline* e de que forma é que se relacionavam com outras pessoas. Foi possível compreender e perceber as avaliações e consequências da utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software* pelos próprios e pelas outras pessoas, *online* e *offline*³.

4.1 Comportamentos «online»

A par do comportamento dos jovens *online* verificou-se que os dispositivos tecnológicos e de *software* que os jovens revelaram que possuíam ou tinham acesso⁴ era o *smartphone* (30), computador (29), televisão (15), o *tablet* (11), a *playstation* (2), o mp3 (2) e a rádio (1). Os dispositivos que aparecem em destaque são o *smartphone* e o computador. Já no que se refere aos *media* sociais que enunciaram utilizar foram o *Instagram* (16), o *Facebook* (15), o *Twitter* (3), o *Whatsaap* (3), o *Snapchat* (2) e o *Youtube* (1). Destacando-se como o mais utilizado o *Instagram* e o *Facebook*. Constatando-se assim, que os *smartphones* ganharam destaque entre os adolescentes porque estes querem adquirir autonomia e comunicar mais uns com os outros (Espanha, 2012), possibilitaram a libertação face ao local em que se está, para comunicar com os pares, proporcionando novas formas de comunicação, seja através daquilo que se escreve (que pode ser modificado antes de enviar para outra pessoa),

seja através da expressão ou não expressão permitida pelos “emoji” nos *chats* de conversação dos *media* sociais (Esperança, 2017). Os *media* sociais desencadearam a perda do «saber fazer» (Stiegler, 2007), exemplo disso é o *Facebook* permitir colocar “likes” e partilhar conteúdos num procedimento quase automático.

No seguimento do segundo objetivo específico, identificar as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline* na contemporaneidade, percebemos que o comportamento dos jovens *online*, está hoje volvido para a utilização dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, sendo diversas as actividades que esses aparelhos e locais oferecem. De entre as actividades predilectas dos jovens estão o acesso à informação e partilha, como afirma Bruna [E_23_A]⁵ “No *Facebook* pesquiso e ... vou acedendo ... aos tais jornais e informações...”, a comunicação com pessoas, como evidencia Madalena [E_3_B] “... falar com os meus amigos por causa de coisas da escola, ou então para combinar coisas para vá estarmos todos juntos...”, acesso ao entretenimento, evidenciado por Tomás [E_6_A] “... no *Instagram* é para ir ver as fotos, seguir por exemplo famosos, o *Snapchat* é mais para tirar fotografias com os efeitos engraçados ...”. O acesso ao entretenimento remete-nos para a opção de colocar um “like” que representa uma aprovação de ideias, oferecida por uma multidão que os visualiza (Rocca, 2011). Para além disto ainda afirmaram que trabalhavam a partir do *Facebook*, combinavam actividades, organizavam eventos/actividades, estudavam, não faziam «nada em concreto» e até mesmo, como diz Laura [E_26_A], “... no *Twitter* coscuvilho muito a vida das pessoas [risos] ...”.

Quanto às razões que levam os adolescentes a utilizar os *media* sociais destacam-se o acesso ao entretenimento, como declara Filipa [E_5_A] “[risos] Tão porque ... gosto de ver as imagens que as pessoas publicam e pôr depois [as próprias] ... sigo vários perfis de fotos de ambientes e essas coisas, esse tipo de fotos”, o acesso à informação e partilha, como enuncia Bruna [E_23_A] “O *Facebook* é para me manter um pouco mais informada, também é um meio que eu tenho de acesso aos próprios jornais e aos meios de comunicação, o *Instagram* porque também me gosto de manter informada onde andam os meus amigos, onde andam as pessoas. Gosto de estar atenta a esse tipo de coisas e informação também” e a comunicação com pessoas, como diz Manuela [E_28_A] “Para falar com pessoas mais distantes ou próximas”. Quando se fala de partilhas *online* vêm à tona dois conceitos que as representam, nomeadamente a privacidade, pois uma vez *online* para sempre *online* e a identidade dado que os conteúdos de interesse desses mesmos adolescentes denunciam os seus

gostos e preferências a um conjunto de pessoas (Boyd, 2015; Costa, 2011). Dando, assim, uma visão ampla de como existem novas formas de construção de identidades, que surgem além do mundo *offline*.

No entanto, para além destes indicadores os adolescentes utilizam os *media* sociais pela facilidade de uso (*user friendly*), pelo facto de os amigos também acederem aos *media* sociais, acesso a novidades, por ser um hábito, gosto pela utilização, acesso rápido e directo, a possibilidade de organizar eventos, facilitação da vida (quotidiana), o cansaço de outras redes, os *media* possuem diversas actividades, terem mais interesse para os jovens e o medo de serem julgados pessoalmente e ser mais fácil a comunicar *online*, como nos demonstra Luísa [E_27_A] “*As pessoas às vezes... sei lá têm medo ser julgadas cá fora, então quando chegam às redes sociais são mais verdadeiras...*”.

Por conseguinte, aquilo que os adolescentes fazem nos *media* sociais, está relacionado com as razões que os levam a utilizar os mesmos *media* sociais, como o entretenimento, acesso a informação e partilha e comunicação. A geração está demarcada pelo «fim da rua» como forma de socialização e autonomia (Espanha, 2012), verificando-se que os adolescentes privilegiam os *media* sociais como meio de comunicação, não descurando os relacionamentos e encontros com os seus pares fora do mundo *online*. Embora, por vezes, mesmo nesses encontros em que estão fisicamente presentes, utilizem os dispositivos tecnológicos e de *software* como meio de comunicação, atravessando os temas das suas conversas.

É ainda perceptível que os adolescentes passam grande parte dos seus dias com os dispositivos tecnológicos e de *software*. Enunciando a sua utilização através da frequência com que os usavam, como refere Luís [E_18_B] “*Eu não faço ideia mas de zero a vinte cinco é pouco. É pouco, vou lá mais que vinte cinco vezes, umas vinte cinco vezes no mínimo, num dia normal...*”, através do período de utilização, como declara Jorge [E_13_B] “*Das vinte e quatro horas, fora das aulas e quando estou a dormir, é o dia todo.*”, e através do número de horas, como diz Marta [E_15_A] “*Mais ou menos três ou quatro horas*”. Percebeu-se ainda que os jovens não têm uma noção precisa de quando tempo passam nos seus dispositivos, apesar dos números afirmados serem efectivamente altos, justificando-se assim o número elevado de utilizadores de internet em Portugal (Ponte, 2012).

4.2 Comportamentos «offline»

Na sequência do terceiro e último objetivo específico, o de compreender como os novos dispositivos tecnológicos e de *software* influenciam as práticas e formas de relação dos adolescentes *offline*, apurámos que estes influenciam as suas práticas e as formas de eles se relacionarem.

Quanto ao comportamento dos adolescentes *offline* verificou-se que realizavam diversas actividades, das quais se destacam actividades de entretenimento, evidenciado por Jorge [E_13_B] “*Vejo filmes, séries, estudar, também não convém estar online quando se estuda*”, realizar actividades com família ou amigos, como diz Marta [E_15_A] “... *Às vezes vamos para casa uns dos outros ver filmes, fazemos festas, ouvir música mais ou menos isso...*” e estudar, como refere Cristina [E_10_A] “...*e estudar pois [risos] ...*”. No entanto ainda evidenciaram que realizavam tarefas domésticas, praticavam desporto, comunicavam com pessoas, dormiam, estavam com família e amigos. Denunciando que mesmo “*offline*” estão em interacção com os dispositivos tecnológicos e de *software*, os jovens continuam a ter uma vida *offline* activa, mas também continuam a comunicar com os amigos pelos *media* sociais (Lenhart *et al*, 2007). Existindo uma imbricação de espaços, constata-se que a delimitação entre o mundo *online* e *offline* é difícil de estabelecer. A utilização intensificada dos dispositivos tecnológicos e de *software* despertou para o seu uso excessivo e as suas consequências como a solidão e isolamento social que podem tornar-se cíclicas, ou seja, para as combater os jovens acedem aos *media* sociais, acabando assim, por agravar a situação (Seepersad, 2004), viabilizando as «solidões interactivas» (Wolton, 1999).

Os temas de conversa actualmente sofreram ligeiras alterações, dada a grande permanência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* no quotidiano das pessoas. De entre os indicadores destacam-se temas como o quotidiano, como refere António [E_2_A] “...*Então, falamos, partilhamos um pouco dos nossos dias, da nossa vida escolar, da nossa vida quotidiana... ah falamos um pouco de tudo, partilhamos, falamos dos nossos problemas, aconselhamo-nos, rimo-nos...*”, problemas da sociedade actual, como evidencia Bruna [E_23_B] “...*vamos falando sobre o estado em que se encontra o mundo atual...*” e conteúdos da internet, como diz Marisa [E_29_A] “...*a maior parte das vezes eu sinto que falamos de coisas que nós vemos online...*”. Para além disto ainda afirmaram conversar sobre o futuro, falar de tudo um pouco, ver notícias e contar piadas. Salienta-se uma jovem, a Nádía

[E_20_B] que afirmou “... *de tanta coisa, raramente falamos das redes sociais...*”. Os jovens continuam a falar do seu dia-a-dia, dos seus problemas, dos trabalhos da escola, embora de facto entre conversas surjam temas relacionados com o *Facebook* ou o *Instagram*, os *media* mais utilizados por eles.

Procuramos perceber se os adolescentes utilizavam os dispositivos tecnológicos e de *software* quando estavam *offline*, verificou-se que eles, quer sozinhos quer acompanhados, utilizavam os dispositivos mesmo estando *offline*. Como evidencia Tânia [E_22_B] “*Algumas vezes sim o smartphone...*” e Soraia [E_21_B] “*Às vezes uso o smartphone para tirarmos umas fotos ou assim, também mesmo estando offline uso o smartphone para falar por mensagens com alguém ou ligar a alguém e é só*”.

Indicaram também utilizar os dispositivos para atualização própria, aceder a redes sociais através dos dados móveis, realizar atividades de entretenimento, se estiverem aborrecidos, ver as horas, aceder à internet, pesquisar, conhecer pessoas, e até mesmo por ser um “hábito”. Houve ainda quem referisse que quase nunca utilizava os dispositivos, que tentavam não usar e que por vezes quando usavam era por falta de integração, como refere Manuela [E_28_A] “*Hum... às vezes só, ah posso não estar muito integrada lá na conversa ou assim*”. Constata-se assim que os adolescentes utilizam os dispositivos tecnológicos quando estão *offline*. Os objetos técnicos estão cada vez mais incorporados nos corpos das pessoas, como se fossem próteses, sendo criados para satisfazer as necessidades e desejos das pessoas (Stiegler, 2010).

Quanto à forma como se relacionam com as outras pessoas *offline*, afirmaram que se relacionavam bem, que era mais fácil virtualmente, como refere Tomás [E_6_A] “*Acho que é mais fácil via virtual [risos]*”, mas que consideravam melhor “*face – to-face*”, como evidencia Joana [E_7_A] “*...é melhor o contato do que via internet*”. Afirmam que atualmente se relacionam menos uns com os outros, como diz Miguel [E_8_A] “*... Acabam por se relacionar menos e ganhar uma dependência...*”, que comunicam menos cara- a- cara, como diz Alice [E_9_A] “*Acho que as pessoas antigamente falavam mais umas com as outras, acho que ... ah vá, se divertiam mais umas com as outras do que é agora...*” e que têm pouca abertura para desenvolver outras atividades, como salienta Jorge [E_13_B] “*...a sua utilização excessiva pode não dar tanto, abrir tantos os horizontes para ler um livro, fazer outras coisas*”. Apesar de existir uma incapacidade das pessoas se relacionarem mesmo com a

sensação de conexão e proximidade (Morais, 2017), os dispositivos tecnológicos permitem combinar encontros pessoalmente (Barcelos, 2010). Em oposição a grande parte dos adolescentes houve ainda quem afirmasse que utiliza pouco ou nada os dispositivos dado que preferem estar a conversar com os amigos cara-a-cara do que estar a mexer no *smartphone*, como disse Teresa [E_12_A] que «*prefere estar a falar quando está com os amigos e não mexer no smartphone*» ou como Daniel [E_16_B] «*que não gosta de estar a falar com alguém e essa pessoa estar a mexer no smartphone*».

4.3 Comportamentos «online» e «offline»

Os campos *online* e *offline* são férteis quando se fala de adolescentes e dos novos dispositivos tecnológicos e de *software*. Importa, assim, perceber quais as representações que os adolescentes têm das consequências de utilização dos dispositivos tecnológicos e *software*.

Quanto à avaliação sobre a utilização dos dispositivos por parte dos jovens no geral, afirmaram que era excessiva e que estavam “viciados”, como evidenciaram Nádía [E_20_B] “*Acho que tão... a ser utilizadas de uma forma exagerada, muito, muito, muito, muito exagerada e acho que isso depois vai ... afeta as nossas relações com os outros porque, parece que...diminui a nossa facilidade de nos relacionarmos com os outros, começamos a relacionar-nos só connosco próprios...*” e Lúcia [E_14_B] “*... Por outro lado acho que também nós acabamos por estar tão viciados ou tão dependentes que já não sabemos fazer outra coisa...*”, mas, no entanto, apresentavam diversas vantagens, entre elas a possibilidade de aceder a informação, que era uma maneira mais fácil de socializar, e mais fácil de comunicar como refere Manuela [E_28_A] “*Ah porque as pessoas estão sempre no smartphone, em vez de estarem com os amigos ou mesmo sozinhas e pegam no smartphone, mesmo lado a lado e em vez de estarem a conversar ou assim...Pode-se conversar com pessoas que não estejam ao pé de nós e [fazer] partilhas, gostos, fazer mais amigos*”. Além disto enunciaram que a utilização tinha impacto no estudo e que existiam falta de limites na utilização como diz Vera [E_25_A] “*... há pessoas que exageram um bocadinho e não sabem diferenciar... saber os limites...*”. Os *smartphones* que hoje se utilizam e estão no dia-a-dia com as pessoas são pensados e criados com muito cuidado para satisfazer as necessidades e preferências daqueles que os utilizam, tornando o tempo menos presente, menos íntimo e menos rico (Foer, 2016).

4.4 Conseguimos controlar-nos?

Quando se colocou a questão para avaliarem a própria utilização dos dispositivos as opiniões dividem-se entre uma boa utilização e uma utilização excessiva. Houve quem dissesse que utilizava porque gosta dos *media* sociais, que tinha uma utilização razoável, uma utilização moderada e até uma utilização reduzida. Os indicadores que mais se destacaram nesta categoria foram: a utilização excessiva, como diz Alice [E_9_A] “ *Provavelmente excessiva ... eu estou ao pé dos meus amigos e estou a mandar mensagens para eles, ah depois também... vá eu estou a falar com os meus pais e a mexer no smartphone. É um bocado falta de educação, mas já estou tão pegada a ele que é hábito*”, a utilização moderada, como refere Bárbara [E_24_B] “ *Eu acho que até nem sou uma pessoa assim muito dependente das tecnologias, consigo... sem estar nas tecnologias desde que tenha amigos, desde que tenha alguém para estar também a conviver e a conversar*”, e a utilização é boa, como enuncia Luísa [E_27_A] “ *Maioritariamente positiva porque ... não faço nada de mal, nas redes sociais falo com amigos, vejo coisas, o que se passa, só que as vezes acho que devia usar um bocadinho menos.*” Também declararam que, apesar de considerarem a utilização excessiva, conseguem “controlar-se”, como evidencia Teresa [E_12_A] “ *Eu sei-me controlar porque eu sei separar o tempo para estar no smartphone, o tempo para estar com os amigos e o tempo para estudar...*”. Expressaram ainda que, quando é necessário conseguem desligar-se dos dispositivos, declarando que quando iniciam as férias aumentam a utilização e que se tiverem alguém com quem sair e conversar, utilizam menos os dispositivos. No entanto, como diz Seepersad (2004) esta forma de lidar com a solidão pode ser cíclica, ou seja, uma utilização dos dispositivos tecnológicos e de *software* para escapar a esta solidão pode aumentá-la.

Os adolescentes têm a percepção das consequências da utilização dos dispositivos sejam elas positivas ou negativas. Os jovens evidenciaram quatro níveis de consequências de utilização dos dispositivos: de saúde, da escola, de capacidades sociais e de segurança. As que mais se destacaram foram as consequências para a saúde, como evidencia Soraia [E_21_B] “ *Os óculos também, também tive que começar a usar óculos por causa disso, as dores na coluna, nas costas e porque nós temos sempre a olhar para baixo no smartphone, também algumas consequências psicológicas...*”, a perda de capacidades sociais, como declara Nádía [E_20_B] “ *Um tema que me custe mais falar com alguém, ou um assunto, e às vezes tenho tendência a recorrer às redes sociais que é mais fácil, é mais fácil falarmos com uma pessoa quando ela não está*

diretamente a olhar para nós...” e consequências na escola, como diz Marta [E_15_A] “*Sim, tiro piores notas.*” Segundo Walkefied, Wareen & Ponnors (2016) os estudos não são consensuais acerca dos benefícios e dos malefícios da utilização dos *media* sociais pelos alunos e a sua influência nos resultados escolares. Portanto, apesar de um dos entrevistados dizer que a utilização excessiva influenciava as notas que tirava na escola, todos os outros afirmaram conseguir gerir essa situação. Apesar das tecnologias simplificarem as relações sociais, podem levar a um desfasamento em relação ao meio envolvente e uma falta de envolvimento social (Rieffel, 2003). No geral os jovens entrevistados afirmaram que os dispositivos tecnológicos não os influenciavam quando estavam *offline*, como descreve Daniel [E_16_B] “*No meu caso não, que eu como sou ... nas redes, nos media, nas redes sociais sou igual pessoalmente...*”, no entanto existem outros jovens que afirmam que influencia, como elucida Laura [E_26_A] “*Em certos aspetos sim, por exemplo... ah ... uma pessoa que eu fale assim, não diariamente, mas frequentemente por mensagens, sinto-me muito mais próxima dessa pessoa do que uma pessoa que eu vejo na rua e digo bom dia/boa tarde*”.

Quando confrontados com a importância que davam aos *likes* que tinham nos conteúdos partilhados na internet, a maioria disse que não dava qualquer importância pelo facto de acharem uma prática superficial, como refere Bruna [E_23_A] “*Nunca, eu dou importância àqueles que estão ao meu lado e diariamente comigo. É aqueles que mostram que se importam*”. Embora houvesse uma pequena parte que dissesse que dava importância porque partilhavam dos mesmos interesses e simpatizavam mais com essas pessoas, como diz Lúcia [E_14_B] “*Isso acima de tudo, as pessoas que não conheço, conheço de vista por assim dizer, aquelas que conheço de vista sou capaz de simpatizar mais com aquelas que metem likes nas minhas coisas ou que partilham coisas que também gosto, também partilho as mesmas ideias que elas. Aí sim, acaba por influenciar um pouco*”, existem jovens que não dão importância aos *likes*. Os jovens têm “interesse” nas pessoas que colocam *likes* nas suas partilhas, pelo facto de gostarem dos mesmos conteúdos. É evidente que a internet permite uma liberdade de expressões, normas e expectativas sociais (Andersson *et al*, 2015) seja por parte de quem partilha ou por parte de quem as visualiza.

Os adolescentes não têm a percepção da influência dos dispositivos tecnológicos quando estão *offline* ao nível da forma como se relacionam, a importância dada aos conteúdos partilhados pelas outras pessoas ou até mesmo quanto ao tipo de conversas, referindo que a relação que têm com os amigos *offline* é a mesma que têm *online* e o

mesmo acontece do *online* para *offline*. Apesar disto, alguns adolescentes perceberam que aquilo que fazem *online* influencia a maneira como se relacionam *offline*, quer pelo conteúdo partilhado ou pelas conversas que costumam ter com os amigos.

Conclusões

Na tentativa de desconstruir utopias e distopias associadas à influência dos novos dispositivos tecnológicos e de *software* criadas pela sociedade, no mundo dos jovens adolescentes, deu-se por confirmada a hipótese de partida: os novos dispositivos tecnológicos e de *software* influenciam, de facto, o comportamento dos adolescentes *offline*.

Os jovens permitiram perceber as dinâmicas associadas aos novos dispositivos tecnológicos e de *software*, como estes atravessam o seu quotidiano, as suas práticas e os significados atribuídos a elas. Considerando a «liquidez» das relações (Bauman, 2001), verifica-se que os jovens continuam a comunicar e a relacionar-se, seja através dos dispositivos ou fisicamente juntos, a maneira de o fazer é que mudou (Boyd, 2015). Evidencia-se ainda uma opacidade na definição daquilo que para os jovens é estar *online* e estar *offline*. Ambientes desconfortáveis, temas de conversa desinteressantes, leva-os a aceder a um mundo em constante estimulação, onde facilmente encontram outras pessoas com as quais se identificam mais, favorecendo novos tipos de relacionamento e conhecimento, mas prejudicando o relacionamento cara-a-cara com pessoas que tenham opiniões e interesses diferentes.

Notas

¹ Este texto sintetiza os resultados de uma tese de mestrado em Sociologia, variante Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável, intitulada “Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes *offline*” (Batista, 2017), realizada pela autora na Universidade de Évora, com a orientação de Eduardo Esperança (UÉvora) e Rosalina Costa (UÉvora).

² A individuação é um processo através do qual o indivíduo evolui de um estado infantil de identificação até um estado de identificação maior. Parte-se de uma fase pré-individual até chegar à individuação que comportam elementos naturais biológicos, económicos, políticos e físicos (Campos & Chagas, 2008; Neves & Costa, 2010).

³ Ao longo da análise de resultados estão presentes os indicadores de 30 respostas, sendo que os mesmos jovens referiram mais do que um indicador.

⁴ Encontram-se em parêntesis o número de jovens que responderam esse indicador.

⁵ Surgem citações *verbatim* que evidenciam a tendências centrais de análise, a diversidade das respostas e as excepções, ajudando a contextualiza-las. Sempre que incluído um excerto da entrevista para além do nome fictício do entrevistado está em parêntesis rectos o número da entrevista e a letra correspondente à escola.

Por decisão pessoal, a autora do texto não escreve segundo o novo acordo ortográfico

Referências

- Agamben, G. (2005). *O que é um dispositivo?*. Outra travessia, Ilha de Santa Catarina, n.5, 9-16. Recuperado de:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11753>.
- Andersson, A.; Bohlin, M.; Ludin, L. & Sorbring, E. (2015). *Technology and youth growing up in a digital world (Adolescents' self defining internet experiences)*, Sociological Studies of children and youth, 105 – 132, vol. 19.
- Batista, A. (2017). *Encontros e desencontros: a vida dos adolescentes offline*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais. Disponível: <http://hdl.handle.net/10174/22391>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Barcelos, R. H. (2010). *Nova Mídia, Socialização e Adolescência – um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Berguer, P. L. & Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade*. Dina livro.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barker, Eric (2016). *FOMO: This is the best way to overcome fear of missing out*. Recuperado em 14 de Janeiro de 2017, de <http://observer.com/2016/06/fomo-this-is-the-best-way-to-overcome-fear-of-missing-out/>
- Boodin; J. E. (1915). *Value and Social Interpretation*. University of Chicago Press, American Journal of Sociology, Vol. 21, n. 1, 65-103.
- Boyd, D. (2015). *É complicado, as vidas sociais dos adolescentes em rede*. Relógio de Água.
- Blitz, M. (2014). *Understanding Heidegger on Technology*. The New Atlantis – The Journal of Technology and Society, n.41, 63-80.

- Campos, J. L. & Chagas, F. (2008). *Os conceitos de Gilbert Simondon como fundamentos para o design*. Biblioteca online de ciências da comunicação. Recuperado em 10 de Agosto de 2017, de http://www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=1501
- Caselas, J. M. (2012). *A democracia digital e a redefinição do espaço público*. Universidade de Évora, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Recuperado em 18 de Agosto de 2017, de <http://cfcul.fc.ul.pt/projectos/cidadania/coloquio/Comunicacoes/JoseCaselas.pdf>
- Colaço, A. (2017). *Mais que uma moda*. (5 de Agosto de 2017), Jornal Expresso. Recuperado em 28 de Agosto de 2017, de <http://animussempre.blogspot.pt/redes-sociais-138783>
- Costa, P. R. (2011). *Entre a Objetivação e a subjetivação*. Revista Comunicação e linguagens- Genealogias da web 2.0, n.42, 165-181.
- Costa, R. (2011). *Ridendo Castigat Mores. A transcrição de entrevistas e a (re)construção social da realidade*. Universidade de Évora, VIII Congresso Português de Sociologia.
- Espanha, R. (2012). *Práticas da E-GENERATION em Portugal: resultados de estudos e questões contemporâneas*. In Ponte, C.; Jorge, A.; Simões, J. A. & Cardoso, D. S. (Org). (2012). *Crianças e internet em Portugal, acessos, usos, riscos, mediações: resultados do inquérito europeu EU KIDS ONLINE..* Coimbra: Minerva
- Esperança, E. (2017). *Dinâmicas da técnica, Cultura, Valores e Novos Modelos de Relação social*. Sílabas e Desafios
- Featherstone, M. (2014). *Lapesadilla de Einstein- sobre la tecno-distopia en Bernard Stiegler*. Theory beyond the codes. Recuperado em 12 de Dezembro de 2016, de <http://ctheory.net/la-pesadilla-de-einstein-sobre-la-tecno-distopia-en-bernard-stiegler/>

- Feenberg, A. (2013). *Do essencialismo ao construtivismo- a filosodia da tecnologia em uma encruzilhada*. In Neder, R. (org.) (2013). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela tecnologia social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável. Ciclo de conferências Andrew Feenberg
- Flick, U. (2013). *Introdução à Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Penso Editora.
- Fleury, J. (2008). *La culture*. Bréal.
- Foer, J. S. (2016). *Jonathan Safran Foer: Technology is diminishing us*, The Guardian, Recuperado em 4 de janeiro de 2017, de <https://www.theguardian.com/books/2016/dec/03/jonathan-safran-foer-technology-diminishing-us>
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – sentidos e formas de uso*. Cascais. Principia
- Kellner, D. (2000). *Habermas, the public sphere and democracy: a critical intervention*. In Hahn, L. E. (Ed.) *Perspectives on Habermas*. Chicago and la Salle, Illinois: Open Court.
- Lehrer, J. (2011). *WE, Robots*. The New York Times. Recuperado em 23 de Novembro de 2016, de <http://www.nytimes.com/2011/01/23/books/review/Lehrer-t.html>
- Lenhart, A.; Hitlin, P. & Madden, M. (2005). *Teens and technology*. Pew research Center. Recuperado em 21 de Julho de 2017, de <http://www.pewinternet.org/2005/07/27/teens-and-technology/>
- Lopes, A. S. (2011). *Tecnologias da comunicação – Novas domesticações*. Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa: Edições Colibri.
- Morais, E. (2017). *Solitários Interconectados*. Pensar Contemporâneo. Recuperado em 14 de Abril de 2017, de <http://www.pensarcontemporaneo.com/1592-2/>
- Moreno, J. C. (2013). *A internet em MacLuhan, Baudrillard e Habermas*. Observatório Journal, vol.7,n.3, pp.59-77.

- Morozov, E. (2011). *Your Own Facts*. The New York Times. Recuperado a 15 de Dezembro de 2016, de <http://www.nytimes.com/2011/06/12/books/review/book-review-the-filter-bubble-by-eli-pariser.html>
- Nascimento, R. F. O. (2014). *Realidade Aumentada: modelos de interação e visualização em Tablets*. Universidade de Aveiro – Departamento de Comunicação e Arte.
- Neuman, W. Lawrence; (2011). *Social Research Methods Qualitative and Quantitative Approaches*. Pearson Education, Inc.
- Nunes, F. D. (2017). *Há conversas no Messenger para lá da morte graças ao chatbot*. Dinheiro Vivo. Recuperado em 7 de Setembro de 2017, de <https://www.dinheirovivo.pt/outras/ha-conversas-no-messenger-para-la-da-morte-gracas-ao-chatbot/>
- Neves, J. P. & Costa, P. R. (2010). *A individuação eco(socio)lógica na pós modernidade*, Comunicação e sociedade, v.18, 179-192.
- Ponte, C. (2012). *Acesso, usos e competências. Resultados Nacionais do inquérito EU KIDS ONLINE*. In Ponte, C.; Jorge, A.; Simões, J. A. & Cardoso, D.S. (Org). (2012). *Crianças e internet em Portugal, acessos, usos, riscos, mediações: resultados do inquérito europeu EU KIDS ONLINE*. Coimbra: Minerva
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora.
- Robert, B. (2012). *Technics, Individuation and Tertiary Memory: Bernard Stiegler's Challenge to Media Theory*. New Formations, n.77, 1-17.
- Rocca, F. (2011). *Habitar a web- Paisagens e nuvens da cultura digital*. Revisa Comunicação e linguagens- Genealogias da web 2.0, n.42, 53-58.
- Seepersad, S. (2004). *Coping with Loneliness: Adolescent Online and Offline Behavior*. Cyberpsychology & Behavior, v.7, n.1, Mary Ann Liebert.
- Silva, P. (2014). *Dispositivo: um conceito, uma estratégia*. Universidade Federal de São Paulo, Profanações, n.2, 144-158.

- Suwa, M. & Suzuki, K. (2013). *The phenomenon of “hikikomori” (social withdrawal) and the socio-cultural situation in Japan today*. Journal of Psychopathology, n.19, 191-198.
- Stiegler, B. (2010). *O desejo asfixiado*. Le monde diplomatique. Recuperado em 13 de Dezembro de 2016, de <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=593>
- Stiegler, B. (2012). *On lights and shadows in the digital age*. Digital Inquiry Symposium, Berkeley Center of New Media.
- Stiegler, B. (2007). *Anamnésia e hipomnésia: Platão, primeiro pensador do proletariado*. Parafernálias: Corpos Informáticos.
- Thayne, M. (2012). *Friends like mine: the productions of socialised subjectivity the attention economy*. Culture machine, v.3.
- Wakefield, J. S.; Wareen, S. J. & Ponnors, P. (2016). *Affective impacts of learning on facebook: postsecondary students’ voices*. In Tettegah Sharon Y. (Ed.) *Emotions technology and social media*, Beckman Institute for Advanced Science and Technology, National Center for Supercomputing Applications, affiliate University of Illinois, Urbana, IL, USA,: Elsevier.
- Wolton, D. (1999). *E depois da internet? – Para uma teoria crítica dos novos médias*. Miraflores: DIEFEL – difusão editorial